

A TEORIA DA CRISE EM MARX E A CRISE GLOBAL DE 2008

Bruna Fernanda Dias Guimarães¹

RESUMO: Existe um amplo debate sobre as crises dentro do sistema capitalista, sendo diversas as teorias que buscam explicar quais suas causas e efeitos. Este artigo tem como objetivo inicialmente sintetizar a análise teórica presente na obra de Karl Marx a respeito das crises capitalistas e identificar como esta serviu de base para as diversas interpretações marxistas sobre as crises. Posteriormente, há uma análise das causas da última grande Crise Global, que teve seu ápice em 2008, e o seu impacto no sistema financeiro mundial. Por fim, na última parte do trabalho, identificando que, para Marx, as crises são resultantes das contradições inerentes ao modo de produção capitalista, o retorno ao debate marxista sobre as crises capitalistas, torna-se essencial para o entendimento da Crise Global de 2008.

Palavras-chave: Crise; teoria marxista da crise, economia capitalista.

ABSTRACT: There is a wide debate about the crises in the capitalist system, and there are several theories that seek to explain their causes and effects. This article aims initially to synthesize the theoretical analysis present in Karl Marx's work on capitalist crises and identify how this served as the basis for the various Marxist's interpretations of crises. Subsequently, there is an analysis of the causes of the last great Global Crisis, which had its peak in 2008, and its impact on the world financial system. Finally, in the last part of the work, identifying that, for Marx, crises are the result of the contradictions inherent in the capitalist mode of production, the return to the Marxist debate on capitalist crises, becomes essential for the understanding of the Global Crisis of 2008.

Keywords: Crisis; Marxist's theory of crisis, capitalist economy.

¹ Mestranda em Desenvolvimento Socioeconômico pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), graduada em Ciências Econômicas pela UFMA. Email: brunaguise@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as sociedades enfrentaram inúmeras crises financeiras, levando a quebra e ruína de inúmeras potências econômicas. Pesquisadores tentaram encontrar fatores que induziam as crises, procurando semelhanças e razões pelas quais estas eram interligadas. Analisando aspectos presentes desde as sociedades pré-capitalistas até o cenário econômico contemporâneo, encontraram razões diversas, e, por vezes, semelhantes para explicar esse fenômeno, mesmo que este tenha acontecido em épocas e lugares distintos.

O capitalismo é considerado o sistema produtivo bem-sucedido da história, entretanto, antes dele, houve diversas sociedades pré-capitalistas que estabeleceram a base para a dominância capitalista na sociedade. Os defensores do capitalismo, alegam que ele, desde que se tornou vigente, elevou o nível de vida de grande parte da população, embora, para Karl Marx, o sistema capitalista, beneficiava apenas uma minoria, os donos dos meios de produção, chamados popularmente de capitalistas. Os operários e pessoas comuns, segundo ele, sofriam com a exploração de seu trabalho ao qual vendiam por um baixo salário.

As crises econômicas fragilizam as economias dos países atingidos por elas, por vezes, permanentemente; fazendo com que essas localidades se adaptem as novas configurações causadas pelo efeito devastador das crises. Para Marx, o sistema capitalista é formado por ciclos econômicos, que se alternam entre períodos economicamente fortes, em que há crescimento, e períodos economicamente fracos, em que há recessão econômica.

Na visão de Marx, as crises são inevitáveis dentro do capitalismo, mesmo as economias consideradas fortes, estão propensas as fragilidades inerentes ao sistema capitalista. Por não ser um sistema perfeito e conter falhas intrínsecas, as quais as sequelas são devastadoras, fazem com que os indivíduos vivam em constante modo defensivo, preparando-se para uma inevitável quebra

econômica dentro da esfera financeira, que poderá resultar em uma nova formação de crises.

A mais recente grande crise financeira do capitalismo, aconteceu em 2008 e iniciou nos Estados Unidos, potência econômica mundial. Em 15 de setembro de 2008, o banco de investimentos Lehman Brothers quebrou, ele era um dos mais antigos e renomados dos Estados Unidos, tendo sido fundado em 1850. Após as grandes crises de 1929 e dos anos 1970, muitos especialistas acreditavam que não haveria outra crise tão devastadora e que abalasse as estruturas mundiais. A crise de 2008 foi um lembrete que o sistema capitalista é frágil e vulnerável.

Este texto tem como objetivo inicialmente sintetizar a análise teórica presente na obra de Karl Marx a respeito das crises capitalistas e identificar como esta serviu de base para as diversas interpretações marxistas sobre as crises. Posteriormente, há uma análise das causas e impactos da última grande Crise Global. Por fim, na última parte do trabalho, identificando que, para Marx, as crises são resultantes das contradições inerentes ao modo de produção capitalista, o retorno ao debate marxista sobre as crises capitalistas, torna-se essencial para o entendimento da Crise Global de 2008.

2 A TEORIA DA CRISE EM MARX

Tendo escrito *O Capital* no início da década de 1860, quando o mundo, especialmente Inglaterra, encontrava-se no estágio inicial de industrialização, Marx em seus estudos não apenas analisou o início e o desenvolvimento do capitalismo, mas também fez previsões sobre seu possível fim. A crise do capitalismo, é para Marx eminente, já que esta derivaria de contradições dentro do próprio sistema capitalista. Segundo o autor, essas contradições se tornariam cada vez mais profundas com a evolução do capitalismo.

Marx não escreveu uma teoria ordenada sobre as crises capitalistas, suas ideias principais sobre o fenômeno estão distribuídas ao longo de suas obras, especialmente em *O Capital* e nos artigos que ele escrevia para o jornal estadunidense *New York Daily Tribune*. Foi um dos autores pioneiros no estudo e debate a respeito das crises econômicas no sistema capitalista, estas que, para ele, são inevitáveis e inerentes ao capitalismo. Seus contemporâneos

acreditavam que o mercado poderia se ajustar de forma independente e que as crises nada mais eram que pequenas falhas que poderiam ocorrer eventualmente, mas sem prejuízo permanente ao modo de produção capitalista.

Marx era pragmático ao relatar as contradições e aspectos negativos do capitalismo. As crises brutais e constantes do último século, tornaram a visão dele cada vez mais relevante para o entendimento deste fenômeno. Para o autor, o processo de acumulação de capital leva eventualmente a uma superacumulação, ou superprodução de capital. Ele afirmou diversas vezes, ao longo de suas obras, que a causa final da crise capitalista é a superprodução, mas não é superprodução em relação ao que os indivíduos necessitam ou desejam (MARX, 1985).

A superprodução da economia de mercado está relacionada as mercadorias que podem fornecer grandes lucros. Chega um ponto do processo capitalista que há mais capital acumulado nas mãos da classe burguesa do que pode ser reinvestido para produzir uma taxa de lucro crescente. Essa redução da lucratividade, no longo prazo, provoca uma crise financeira. Para Marx, no sistema capitalista há apenas o consumo solvente, sendo assim, as crises decorrem da carência de consumo solvente ou de consumidores capazes de pagar. Em tese, as únicas mercadorias invendáveis são as que não encontraram consumidores capazes de pagar por elas. Uma das razões para que essas mercadorias não consigam ser vendidas, é segundo Marx, que os capitalistas irão precarizar tanto o trabalho da classe operária em busca de maiores lucros, que estes não conseguirão com seus salários consumir as mercadorias ofertadas (MARX, 1985).

A crise financeira desvaloriza o capital de diversas maneiras: reduzindo os créditos existentes, reduzindo o preço das ações, desvalorizando a moeda, aumentando os índices de desemprego, levando ao fechamento de empresas. Segundo Marx, a crise é uma interrupção do processo de ampliação da reprodução do modo de produção capitalista, este que é uma unidade contraditória de produção e circulação. O crescimento capitalista é sempre um crescimento desproporcional, sendo assim, há crescente desequilíbrios, que podem ser encontrados entre a produção dos produtos e o consumo final.

Na terceira seção do volume III de sua célebre obra O Capital, Marx expõe o debate a respeito da “lei da queda tendencial da taxa de lucro” e suas causas contrariantes, estas que são associadas a Teoria da Crise de Marx. São seis as causas contrariantes: Aumento do grau de exploração do trabalho, compressão do salário abaixo de seu valor, barateamento dos elementos do capital constante, a superpopulação relativa, comércio exterior e o aumento do capital acionário.

Segundo Marx, a “lei da queda tendencial da taxa de lucro” acontecia pois o modo de produção capitalista é irracional, o que faz com que ele esteja continuamente em risco de crise. Para o autor:

A tendência progressiva da taxa geral de lucro a cair é, portanto, apenas uma expressão peculiar ao modo de produção capitalista para o desenvolvimento progressivo da força produtiva social de trabalho. [...] Como a massa de trabalho vivo empregado diminui sempre em relação à massa de trabalho objetivado, posta por ele em movimento, isto é, o meio de produção consumido produtivamente, assim também a parte desse trabalho vivo que não é paga e que se objetiva em mais-valia tem de estar numa proporção sempre decrescente em relação ao volume de valor do capital global empregado. Essa relação da massa de mais-valia com o valor do capital global empregado constitui, porém, a taxa de lucro, que precisa, por isso, cair continuamente (MARX, 1985, p. 164).

A busca por lucros crescentes leva as empresas a adotarem tecnologias sofisticadas, na organização o trabalho é dividido de forma cada vez mais detalhado em razão de uma produção eficiente e para diminuir os salários reais e para maximizar os lucros do capitalista. Nesse processo, as habilidades dos trabalhadores são subjugadas, de modo que eles se tornam mercadorias, explorados e dependentes da classe burguesa. No Capital, Marx já avisava que a cada nova crise se tornava mais difícil preveni as posteriores e que esta seja superada completamente.

3 A CRISE GLOBAL DE 2008: UMA DESCRIÇÃO DO FENÔMENO E DE SEUS IMPACTOS

A crise de 2008 foi a terceira grande depressão do capitalismo nos tempos contemporâneo, unindo-se a crise de 1929 e dos anos 1970. Esta se mostra como uma crise devastadora, profunda e de longa duração, na qual se tem uma queda do comércio mundial, uma grande depressão, desemprego e grandes conflitos econômicos e sociais, levando-a assim a uma crise com efeitos tão devastadores ou maiores do que o da Grande Depressão ocorrida em 1929.

Desde o crack da Bolsa de Nova York em 1930, a crise de 2008 pode ser considerada a maior crise financeira que já aconteceu no mundo econômico. Esta atingiu a esfera econômica não só dos Estados Unidos, mas também de vários países do mundo.

A crise é constantemente explicada levando em consideração apenas à quebra do banco de investimentos Lehman Brothers², entretanto, o problema foi ocasionado por uma série de fatores e acontecimentos que se iniciaram desde o final da década de 1980. Durante esse período, houve uma grande abertura do crédito no mercado global impulsionado pelas novas oportunidades de expansão do mercado, a junção de economias nacionais no comércio internacional e a valorização do dólar no mercado mundial. A falência do Lehman Brothers foi parte da crise do sistema financeiro mundial, mas não foi a única responsável.

Entre os anos de 1985 e 2007, a economia norte-americana teve crescimento econômico estável e com baixa inflação. Havia um cenário de ampla liquidez e com taxas de juros baixas, além disso, houve uma ampliação do acesso ao crédito, especialmente nos Estados Unidos. Segundo Krugman (2009) esse período de aparente estabilidade ficou conhecido como “A Grande Moderação”, pois foi “um longo período durante o qual a inflação foi subjugada e as recessões foram relativamente suaves” (KRUGMAN, 2009, p.29).

Incentivados pelos baixos juros e o estável crescimento da economia, diversos países, como Japão, China e Oriente Médio, conseguiram abundantes empréstimos para investir em seus projetos, aumentando assim suas dívidas externas. Os bancos internacionais fizeram ótimos negócios nos primeiros anos de abertura de crédito, o que proporcionou grandes lucros para eles. Nos Estados Unidos, entretanto, a crise foi em grande parte ocasionada por uma prática interna, a de hipotecar bens³.

² Lehman Brothers Holdings Inc: foi um banco de investimento e provedor de outros serviços financeiros, com atuação global, sediado na cidade de Nova Iorque (Estados Unidos). Até 2008, ano que declarou falência, fez negócios no ramo de investimentos de capital venda em renda fixa, negociação, gestão de investimento (G1, 2008).

³ Modalidade de crédito na qual as pessoas obtêm um empréstimo bancário e colocam o um imóvel próprio como garantia de que o empréstimo será pago, caso o empréstimo não seja pago, o banco fica com o imóvel. O proprietário do imóvel pode hipotecar o mesmo imóvel diversas vezes, assim, contraindo diversos empréstimos. (G1, 2018).

Em decorrência da facilitação do crédito, bons preços e com baixas taxas de juros, muitas pessoas hipotecaram seus imóveis próprios e investiram na compra de mais imóveis; o que fez com que os imóveis do país fossem ainda mais valorizados, o que gerou um crescimento do mercado especulativo imobiliário. Até 2007, os valores dos imóveis dos Estados Unidos aumentaram tanto que em várias áreas do país eles chegaram a triplicar seu preço inicial. Esse fenômeno ampliou o endividamento da população e foi um dos motivos para a bolha financeira que desencadearia, posteriormente, a crise de 2008 (COSTA, 2013).

O governo dos Estados Unidos por meio do FED (Federal Reserve System)⁴, após a pequena recessão de 2001, buscou incentivar o consumo através da redução da taxa de juros e desregulamentação de algumas práticas. Nesse cenário, as instituições financeiras resolveram inovar a forma como créditos eram concedidos e pagos, as hipotecas e diversas dívidas, de financiamento de automóveis até faturas de cartão de crédito, foram transformadas em títulos, que poderiam ser unidos a outros títulos, e eram vendidos para instituições financeiras para serem negociados com investidores e outros agentes econômicos. Esses títulos funcionavam com a confiança de que os devedores arcariam com as suas dívidas, os que os tornava de alto risco (COSTA, 2013).

Embora fossem de alto risco, os títulos eram vendidos mundialmente de forma imprudente, sem muitas informações que ajudassem investidores leigos a entenderem o real risco do investimento que estavam fazendo. Assim, criou-se uma bolha especulativa, em que bancos e investidores com mais experiência, lucraram por anos. Esses lucros fizeram com que os ativos fossem cada vez mais procurados por agentes econômicos e pessoas comuns. No entanto, não havia lucro real, era apenas “dinheiro fictício”⁵, essa financeirização teve início em Wall Street nos Estados Unidos e logo se espalhou para diversos países do mundo (CHESNAIS, 2005).

⁴ FED é o banco central dos Estados Unidos e tem papel de definir e regular medidas relacionadas à economia do país (FEDERALRESERVE, 2021).

⁵ Entendido nesse trabalho como o lucro criado e registrado pelo próprio sistema financeiro.

Como muitas pessoas compraram títulos ou adquiriram empréstimos arriscados durante os anos 2000, o nível de endividamento aumentou, pois o rendimento financeiro dessas pessoas não aumentava ao nível necessário para arcar com suas dívidas. Com os preços dos imóveis muito altos e diminuição da liberação de hipotecas e empréstimo, ocorreu o estouro da maior bolha financeira da história. Já em 2005, três anos antes da recessão, o poder de compra da população estadunidense era menor que em 1973, além dos salários estarem baixos. A crise já estava em ascensão e o mundo globalizado aumentou as suas proporções para além das fronteiras norte-americanas (COSTA, 2013).

Ao final de 2006, diversas empresas e bancos de investimentos começaram a falir por conta do não pagamento das dívidas de seus devedores. O aumento do desemprego, o endividamento e a impossibilidade de conseguir crédito, fez com que as famílias dos Estados Unidos sofressem uma grande perda de renda e poder de compra, o que fez com que o consumo caísse bruscamente. Em 2007, o sistema financeiro estadunidense e de outros países, como Reino Unido e Japão, estava beirando ao colapso e os rumores de uma crise já circulava entre os especialistas financeiros.

Ao final de 2007 e início de 2008, a desordem no sistema financeiro atingiu seu ápice, para evitar a quebra total, o FED junto com bancos centrais de outros países juntaram-se para conceder empréstimos com longos prazos aos bancos que estavam enfrentando risco de falência, além de lançarem programas de incentivo, na tentativa de injetar liquidez nos mercados, concederam crédito para empresas e para a população. As medidas tomadas pelos bancos centrais de retenção de danos não tiveram o efeito esperado e foram incapazes de evitar a ruína generalizada do sistema financeiro.

O dia 15 de setembro de 2008 ficou conhecido como segunda-feira negra, pois foi quando o banco Lehman Brothers quebrou, marcando um dia de diversos outros anúncios de falências e crise na bolsa. A crise atingiu até mesmo grandes empresas, como a General Motors⁶. Nos Estados Unidos, em 2008, a renda coletiva das famílias teve uma queda superior a 25%, enquanto o índice de desemprego alcançou 10,1%, tendo sido na época o maior percentual

⁶ É uma multinacional estadunidense de manufatura automotiva com sede em Detroit, Michigan, Estados Unidos. Foi fundada em 16 de setembro de 1908, foi reestruturada após a crise de 2008 (GM, 2018).

desde 1983, cerca de 3,8 milhões de americanos perderam suas casas devido ao não pagamento de hipotecas. A crise não se espalhou no mundo ao mesmo tempo, seus efeitos na Europa, por exemplo, levaram cerca de dois anos para atingir o ápice (SINGH, 2021).

Não é possível dizer apontar quando a crise "terminou" já que a instabilidade socioeconômica provocada por ela foi espalhada ao redor do mundo. Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, países cujo turismo é uma das suas principais fontes de renda, sofreram uma crise generalizada em 2011. Os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, sentiram menos as consequências das crises norte-americanas e europeias, embora ainda tenham sido atingidos por conta de suas relações comerciais com esses países (SINGH, 2021).

4 A CRISE GLOBAL DE 2008 E O DEBATE MARXISTA SOBRE AS CRISES CAPITALISTAS

Com base nos textos de Marx sobre as crises, diversas interpretações da "teoria marxista das crises" têm sido concebidas por economistas que se denominam marxistas. Bukharin, Hilferding, Otto Bauer, Rosa Luxemburgo, Sweezy, Grossman e Mandel são alguns dos principais autores marxistas que desenvolveram teses com base nas teorias de Marx, assim sendo considerados autores marxistas. Cipolla (2012) apresenta algumas das teorias em seu artigo "Diferentes teorias marxistas de crise e diferentes interpretações da crise atual".

Dentro das correntes marxistas, há mesmo um ponto de partida que é aceito por duas correntes marxistas de pensamento econômico. Ambas concordam, ainda que expliquem o fato diferentemente, que a economia norte-americana apresentou persistente tendência à estagnação em todo o período do pós-guerra. A economia norte-americana realmente perdeu força nas décadas seguintes à segunda Guerra Mundial.

Para Cipolla (2012) as duas principais explicações marxistas para a grande falha do capitalismo pela falta de demanda efetiva, o declínio e a crise da economia norte-americana como consequências de um problema renitente de realização do valor das mercadorias produzidas sob as condições do capitalismo

monopolista e a outra apreende esses mesmos fenômenos como decorrentes de uma tendência manifesta à queda da taxa de lucro. Segundo o autor:

A análise das várias contribuições revela linhas divisórias interessantes. Por um lado, temos aquelas para as quais a crise teve como fundamento o afluxo dos lucros da produção para as finanças, como é o caso das interpretações de Husson e da dupla Foster/Magdoff. Por outro, temos aquelas para as quais o aumento do crédito de consumo foi resultado de uma reestruturação dos fluxos de crédito das empresas, cada vez mais autônomas no mercado de dinheiro, às famílias assalariadas, cada vez mais dependentes do financiamento bancário. Essa linha divisória reflete a importância que o primeiro grupo adjudica à diminuição do ritmo de crescimento vis-à-vis os teóricos da School of Oriental and African Studies. Finalmente, temos a visão de Kliman para o qual a causa do baixo ritmo de crescimento durante o período neoliberal foi a baixa taxa de lucratividade. A tentativa do governo americano de compensar o baixo crescimento através do estímulo ao crédito teria levado ao boom imobiliário e à bolha especulativa (CIPOLLA, 2012, p. 57-58).

Os autores associados à *Monthly Review*⁷, destacam a estagnação do capitalismo tardio, e não do seu dinamismo. Os artigos da revista tiveram um constante destaque para a crise, devido ao sucesso, uma coletânea de artigos de John Bellamy Foster e Fred Magdoff foi publicada em formato de livro. Foster e Magdoff dão foco ao crescimento das finanças, além de uma análise a respeito da dívida do consumidor estadunidense e sobre especulação financeira (MONTHLYREVIEW. 2021).

Em sua célebre obra “O Capital”, Karl Marx demonstra que há tendência de dois tipos de crises acontecerem no capitalismo: I) crises econômicas de acumulação, que ocorrem devido à queda tendencial da taxa de lucro; II) crises periódicas de acumulação, neste cenário há sempre pequenas crises acontecendo, já que o capitalismo tem um caráter cíclico em relação as crises. Nesse contexto, as crises conjunturais do capitalismo formam crises estruturais que evoluem gerando crises sistêmicas, é o caso da crise de 2008 que se iniciou nos Estados Unidos e se espalhou para a Europa e países emergentes.

Vários autores argumentam que a crise atual é explicada pela queda da lucratividade, ou seja, pela insuficiente valorização do capital. Esses autores consideram que a recuperação parcial das taxas de lucro desde a crise dos anos 1970 explica a fragilidade do investimento e, por extensão, o menor crescimento registrado nas últimas décadas, o que tem conduzido ao aumento do

⁷ A *Monthly Review*, criada em 1949, é uma revista socialista publicada mensalmente na cidade de New York (MONTHLYREVIEW. 2021).

investimento e a geração de várias bolhas especulativas. Assim, uma das teorias marxistas é que a crise de 2008 foi causada por um problema de lucratividade decrescente. Segundo Cipolla (2012):

Segundo os cálculos de Kliman a taxa de lucro não se recuperou nas décadas de 1980 e 90. No entanto, a mesma subiu decisivamente em meados da primeira década do século XXI. Procura, então, traçar o elo intermediário entre esse comportamento da taxa de lucro e a crise, argumentando que o decréscimo da taxa de lucro não é a causa imediata da crise. Esse decréscimo, no entanto, provoca um período de especulação no qual os capitalistas tentam compensar o decréscimo da rentabilidade através de ganhos financeiros. O aumento do endividamento que acompanha esse período de especulação leva à crise, assim que as dívidas se tornam mais pesadas do que a capacidade de pagá-las (p. 31). O aumento da taxa de lucro a partir de 2004 é, para ele, o efeito desse processo de reação à baixa da lucratividade, mas constitui, ao mesmo tempo, a preparação da crise que se abateu sobre a economia dos EUA e do mundo (CIPOLLA, 2012, p.50).

O estímulo para aquisição de créditos, especialmente para bens imobiliários, foi dado até mesmo para indivíduos que não tinham conta bancária preexistente, emprego fixo ou renda mensal comprovada. A crise de 2008 tem características de um processo de financeirização que começou na década de 1970. Nos Estados Unidos, ao ampliar o crédito utilizando hipotecas como garantia, as instituições financeiras nacionais refinanciaram dívidas, gerando um processo de bolha especulativa dentro de um sistema que gerava liquidez para as empresas financeiras. Sendo assim, a crise, representou a quebra desse modelo que se expandiu mais do que era capaz, provocando uma instabilidade típica do capital fictício.

O sistema capitalista conseguiu sobreviver por séculos mesmo tendo enfrentado diversas crises, sempre se modificando e tornando-se aparentemente mais forte, enfrentando, para Marx a cada nova crise, o capitalismo torna-se mais vulnerável e mais próximo de seu fim. Essa teoria é aceita por autores como Mandel e Kliman. Segundo Kliman (2015):

Acredito que no futuro próximo, o capitalismo se torne mais instável e propenso a crises, do que foi antes da crise financeira de 2007-2008, e que o principal fator para a debelar tenha sido, paradoxalmente, a fonte da crescente instabilidade. Estou me referindo à doutrina do “grande demais para quebrar” (too big to fail - TBTF), e ao perigo moral que ela gera (perigo moral – moral hazard – ocorre quando um grupo é encorajado a assumir riscos excessivos devido ao fato de que outro grupo assumirá os custos caso as coisas deem errado). Durante a crise o TBTF foi aplicado pela primeira vez para instituições financeiras outras que não os bancos comerciais, tais como Bear Stearns e AIG. O Lehman Brothers foi deixado quebrar, mas isto provou-se um erro

de alto custo, que o governo certamente não repetirá (KLIMAN, 2015, p.102).

A crise de 2008 trouxe visibilidade para os problemas sérios e profundos em relação aos desequilíbrios causados pelo sistema do poder baseado em classes. Treze anos após a crise, a economia estadunidense está estável, graças as medidas monetárias e fiscais do governo; entretanto, a desigualdade social é cada vez maior, a diferença do poder de compra entre ricos e pobres está aumentando e o sistema financeiro ainda influencia a política do país. Com a economia ainda debilitada e o cenário social instável, é provável que o país não consiga se recuperar de uma nova grande crise. Por ainda ser o centro dinâmico do modo de produção capitalista, uma nova crise estadunidense, faria o mundo entrar em colapso novamente.

5 CONCLUSÃO

A teoria de Marx é ainda atual no cenário contemporâneo. Para Marx, a crise econômica faz parte do ciclo inevitável do capitalismo, segundo o autor, as crises surgem da necessidade de uma produtividade cada vez maior do trabalho dentro do sistema de modo de produção, o que leva a uma crise de lucratividade. A tendência para a crise está em parte interligada a exploração do trabalho vivo que é a base essencial do capitalismo. A partir do século XX, assim como Marx havia previsto no seu livro “O Capital”, o desenvolvimento capitalista atingiu altos níveis, por essa razão, as crises no sistema se tornaram mais frequentes, em razão das próprias contradições intrínsecas ao modo de produção capitalista.

A crise de 2008 causou diversos problemas ao mercado financeiro global e para as estruturas do capitalismo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, cujo os efeitos foram mais profundos e imediatos. As mudanças ocasionadas na economia e na sociedade foram diferentes das que ocorreram nas crises anteriores, em razão da nova configuração do mundo, em que a globalização é um aspecto importante para a financeirização econômica. As crises agora têm uma força devastadora dentro de um espaço mais amplo, pois as economias mundiais estão interligadas e, de certa forma, dependentes entre si.

Em concordância com a teoria marxista, uma vasta literatura sobre as crises da economia, com foco na crise de 2008, passou a ser desenvolvida nos

meios acadêmicos, conhecida como “teorias marxistas da crise”. Abordando essa temática, autores como Paul Krugman e Andrew Kliman, procuram analisar as crises do capitalismo a partir das teorias apresentadas por Marx, atualizando para o contexto atual e expondo as suas contradições. Segundo esses autores, as crises se tornaram cada vez mais inevitáveis, visto que as especulações financeiras se tornaram mais presentes na nova configuração do sistema capitalista.

A perspectiva marxista é importante no cenário atual, as relações econômicas entre os países são mais complexas devido a evolução do capitalismo mundial, a globalização trouxe novos instrumentos e dificuldades para o sistema. Estudar as crises é essencial para compreender os problemas sociais que são decorrentes desse fenômeno, especialmente, na atualidade em que os períodos cíclicos de estagnação econômica têm efeitos duradouros.

BIBLIOGRAFIA

CHESNAIS, F. **A finança mundializada**. São Paulo: BOITEMPO, 2005.

CIPOLLA, F. P. **Diferentes teorias marxistas de crise e diferentes interpretações da crise atual**. Economia e sociedade, Campinas, v. 21, n. 1 (44), p. 39-59, abr. 2012.

COSTA, E. **A crise econômica mundial, a globalização e o Brasil**. ICP, São Paulo, 2013.

FEDERALRESERVE. **About the Fed**. 2021. Disponível em: <<https://www.federalreserve.gov/aboutthefed.htm>> Acesso: 16/10/2021.

G1. **Quebra do banco Lehman Brothers completa 10 anos; relembre a crise de 2008**. 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/09/15/quebra-do-banco-lehman-brothers-completa-10-anos-relembre-a-crise-de-2008.html>>. Acesso: 16/10/2021.

GM. **Our Company**, 2018. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180825175037/https://www.gm.com/company/about-gm.html>>. Acesso: 12/10/2021

KLIMAN, Andrew. **A Grande Recessão e a teoria da crise de Marx**. *Outubro*, n. 24, 2º semestre 2015.

KRUGMAN, P. R. **"A Crise de 2008 e a Economia da Depressão"**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2009.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política**. vol. III. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MONTHLYREVIEW. **About Monthly Review**. 2021. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/about>> Acesso: 17/11/2021.

SINGH, Manoj. **The 2007–2008 Financial Crisis in Review**. 2021. Disponível em: <<https://www.investopedia.com/articles/economics/09/financial-crisis-review.asp>>. Acesso: 15/11/2021.

THEBALANCE. **Causes of the 2008 Global Financial Crisis**. Disponível em: <<https://www.thebalance.com/what-caused-2008-global-financial-crisis-3306176>>. Acesso: 16/10/2022.

